



Para o estudo das tradições populares

Dirigida por José da Silva Vieira

CORRECÇÕES

Resposta ao artigo publicado
na «Independencia» da Povoia
de Varzim sob o titulo
«correções»

(Continuado do n.º 3)

III

No *Jornal da Manhã* do Porto, vem uma collecção de cantigas colleccionadas pela sr.^a D. Lucinda Rica, de Lamego, e entre as quaes vem uma canção que se expressa assim:

O sapato me aperta,
A meia me faz calor,
O coração me arreventa,
Se te não fallo amor.

Agora passemos uma vista d'olhos pela vasta collecção do Ex.^{mo} snr. Antonio Thomaz Pires, publicada no bi-semanario d'Elvas, *O Elvensê*, anno de 1886, e cuja selecta collecção se intitula—*Folk-lore Portuguez ou canções da Beira Alta*. N'esta collecção, encontramos marcado com o numero LXXVIII uma cantiga que nos parece ter sido copiada, a qual aqui transcrevemos, dese-

jando saber a qual dos dois pertenceria a primitiva collecta.

Pedimos um bocadinho de attenção para esta cantiga:

O sapato me aperta,
A meia me faz calor,
O coração me arreventa
Se te não fallo, amor.

A differença entre estas duas canções, cada uma firmada pelo seu collector, existe em uma ter só mais uma virgula do que a outra. A quem de facto pertencerá o direito de propriedade? não sabemos! Mas a quem pertencer, que o reclame, o que nós muito desejaríamos ver.

O distincto poeta Antonio Fogaça, um dos mancebos que mais se distinguio na nossa litteratura portugueza, filho dilecto de Barcellos, portanto nosso conterraneo, e de quem nos occupamos já no principio d'este trabalho, publicou uma collecção de 20 canções populares, qual d'ellas a mais amavel, tendo tambem o mesmo defeito de não dizer onde as recolheu. A 1.^a da sua collecção é que passamos a transcrever, e que em outro logar já copiamos. E' ella:

Vão as pombas pelo cetr,
Vão as canções pelo ar,

Vae na dança, junto ao meu,
O coração do meu par.

Diz o sr. A. T. Pires in *Folklore Portuguez*. folhetim do *Elvense* n.º 17, canção n.º DXCVI:

Vão as pombas pelo ceu,
Vão as canções pelo ar;
Vae na dança junto ao meu,
O coração do meu par.

D'estes dous, ambos, com a mesma canção, qual d'elles será o seu collecter primitivo? Decerto ambos, pois nem Antonio Fogaça era capaz de copiar, nem tampouco o nosso sympathico amigo A. Thomaz Pires. No entanto, este ultimo pode, se muito bem quizer, fazer luz sobre o caso.

(Continúa)

José da Silva Vieira.



O apparecimento do Senhor da Cruz de Barcellos, segundo a crença popular.

Conta-se que o Senhor Bom Jesus da Cruz apparecera no mesmo sitio onde está hoje collocado o seu real mosteiro.

No tempo em que a villa estava fechada sobre si, o campo da feira era uma frondosa matta contendo muitos pinheiros, sobreiros, carvalhos e uma enorme quantidade de silvedo, o que tudo impedia o transito para qualquer sitio d'ella.

Um caçador, munida dos respectivos instrumentos, foi um dia bater parte da matta, levando consigo um pequeno cão de caça. O caçador foi entrando por onde pôde, e, ávido de desejos morticínios batendo a matta, o cão introduziu-se n'uma vereda semi-serrada pelas muitas silvas e matto, e seguiu muito alem. O

caçador, que apenas alli tinha podido entrar por um pedaço de terreno que ficava descoberto, viu que não podia seguir mais, desanimando e voltando para traz. Dando n'esta occasião pela falta do cão, começou a chamar por este, o qual lhe respondia, ao longe, com uivos, lá do centro da matta; o homem, porem, despreocupado, chamou, chamou até que, o cão não apparecia, correu a chamar algumas pessoas de sua amizade, a quem relatou o succedido. Caçador e outros resolveram, então, abrir um caminho em direcção ao sitio em que o cão ladrava, idèa que desde logo, e com toda a actividade, puzeram em pratica; porem a noite que se approximou, obstou-lhes a continuação do trabalho, ainda diminuto, no qual proseguiram no dia seguinte, ao romper d'aurora, acompanhando-os a grata esperanza de que em breve chegariam ao ponto indicado pelo mysterioso ladrar do animal, que ainda se ouvia muito distante.

Felizmente, e no curto espaço de 5 horas estavam em frente da imagem do Senhor Bom Jesus da Cruz, em cujo local, como sentinella vigilante, estava o cão que, sentado em frente da imagem ladrava, gania, enfim parecia chorar!

Em seguida resolveram tirar-a d'ali e trouxeram-n'a para uma igreja ou capella que existia no centro da villa, onde na manhã do dia seguinte correu presurosa muita gente para ver a imagem; porem ella tinha desaparecido e, reappareceu no mesmo sitio onde primitivamente fôra encontrada. Admirado do inexperado e miraculoso desaparecimento, o povo, devoto, correu ao sitio, ofertando-lhe, uns, promessas de valor, e outros a sua devoção fiel.

Com o producto das suas esmolhas, começou-se então a construcção de uma capella, capella que inegavelmente podemos hoje considerar como um dos mais importantes mosteiros do nosso risonho

minho. No sitio onde o Senhor Bom Jesus estava collocado havia e há uma Cruz de terra preta, a que os fieis consagram muitissima devoção, bem como à referida imagem, havendo até muito quem traga ao peito, dentro de uma bolsinha, um bocado d'aquella terra como perseverança contra tudo que possa prejudicar o fiel devoto.

Por muitas vezes, pela tradição oral, temos ouvido contar innumerous milagres d'esta imagem, os quaes vamos tambem archivar, para fecho d'esta humilissima descripção.

Como a imagem é muito velha, conta-se que certo mesario, ou Juiz da sua Confraria, lembrou-se um dia de a mandar encarnar, encarregando um pintor de tal serviço; o pintor todos os dias proseguia na sua tarefa, encontrando-a sempre, e todos os dias, como quando a viu pela primeira vez. Redobrando de esforços e insistindo na continuação da encarnação, o pintor desanimou finalmente, do seu intento, dando parte do succedido a quem o tinha encarregado do serviço.

Na Semana Santa que se seguiu d'ahi a annos, deliberaram sahir com o Senhor Bom Jezus em procissão, o que tambem não poderam conseguir: crescendo d'uma forma consideravel, a imagem do Senhor, ao chegar á porta principal da Igreja, foi impossivel poder sahir para a rua, tornando-se a collocar no seu logar.

Finalmente, alem d'estes successos que a tradição popular nos transmite, temos ainda ouvido dizer que a milagrosa imagem verte muitas vezes um liquido, de si, como que suando, e que fita com os seus olhos as pessoas que estão na sua presença. etc. etc. Eis aqui como a crença está ainda tão arraigada nos corações dos povos.

Espozende

José da Silva Vieira.

Cancioneiro Minhoto

(Continuado do n.º 13 do 3.º anno)

Cantigas ao S. João (1)

(Recolhidas em Barcellos)

222

Se S. João bem soubera,
quando era o seu dia;
descera do ceu á terra
com festas e alegria.

223

S. João da beira-mar
vae pelo Douro acima,
com a cestinha no braço,
como quem vae á vindima.

224

D'onde vindes S. João,
descalcinho sem chapeu,
vimos de ver uma festa
que se fez hoje no ceu.

225

S. João Evangelista
por baixo dos olivares,
vai-te embora Evangelista
c'o Baptista póde mais.

226

Vamos por aqui abaixo
até S. João da ponte,
a tomar as orvalhadas,
ao redor da vossa fonte.

Repetindo no fim:

(1)—Estas cantigas foram colhidas em Barcellos; e fazemos esta declaração para que não nos digam que são copias de qualquer colleção que haja, pois as ha quasi iguaes, isto é, podia esta colleção ter canções propriamente iguaes, pois temos visto tradições de diferentes localidades e com costumes iguaes. Por isso não ha de que, porque cada um recolhe as suas tradições sem se importar com a d'este ou d'aquelle povo.

O' rapazes vamos à folia,
S. João é a nossa alegria.
227

Oh meu S. João Baptista,
a vossa capella cheira;
cheira ó cravo, cheira à rosa,
cheira à flôr da larangeira.

Repetido

E agora, e agora
S. João que se vae embora.

Repetido 2.^a vez.

Carrepetim, carrepetão,
ó pastores viva o S. João.
228

O trevo de quatro folhas
Colhido na má tenção,
Todas as hervas são bentas
Na manhã do S. João.
229

D'onde vindes S. João,
D'onde é a vossa jornada:
Vimos da beira do rio
De tomar as orvalhadas.

Repetido

Orvalhadas, minhas orvalhadas,
Viva o rancho (1) das moças casadas.

2.^a Variante

Orvalhadas, minhas orvalheiras,
Viva o rancho das moças solteiras
230

S. João e mais S. Pedro,
No ceu são dois protectores,
S. Pedro c'ós seus apóstolos,
S. João c'ós seus pastores.

Cantigas ao S. João

(*Recolhidas em Espozende*)
231

S. João de Villa-Chã
Tem uma pipa ao torno,

(1) Em Espozende diz-se:
Pão e vinho para as moças casadas.

A's solteiras da-lhe vinho,
A's casadas da-lhe um corno.
232

S. João de Villa-Chã
Dae-me a mão pela janella,
Que ja venho cançadinha,
D'assubir a vossa serra.

Variante

233

O' meu rico S. João,
A vossa capella cheira;
Cheira aos cravos, cheira às rosas,
E á flor da larangeira.

Repetido

O' que luxo, ó que luxo, ó que luxo,
O meu 'stá verde e o vosso está mur-
cho.

Repetido 2.^a vez

Q'ué'quillo, raparigas,
Q'ué'quillo,
S. João a caçar um grillo.

Repetido 3.^a vez

S. João se não me casaes,
Não vos torno a festejar mais.

Repetido 4.^a vez

Se pró anno estiver solteira,
Não voz torno a fazer fogueira

Repetido 5.^a vez

Se pró anno estiver casada,
Eu vos faço fogueira dobrada.
234

O' meu rico S. João,
Quem vos deu esses calções:
Foi a ti'Anna Manica,
C'ò dinheiro dos cações.

(*Continúa*)

José da Silva Vieira.